

Versão Online

ISBN 978-85-8015-054-4

Cadernos PDE

VOLUME I

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2009

PRÁTICAS LEITORAS NO ENSINO MÉDIO: (re)vendo o texto literário

Maria do Carmo da Silva Rezende¹

Profa. Dra Mariléia Gärtner²

RESUMO

Este artigo fundamenta-se no desenvolvimento de um trabalho de pesquisa com alunos do 2º Ano do Ensino Médio, do Colégio Estadual São Vicente de Paulo, Irati – PR e tem como proposta buscar alternativas para minimizar as dificuldades encontradas, em sala de aula, no trabalho com a Literatura. Neste contexto, pretende-se sinalizar para experiências de leitura, fundamentadas em recursos contemporâneos de estudos da linguagem, além da teoria para o ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa/Literatura, proposta nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica (Paraná, 2008). Apoiando-se no dialogismo, em Bakhtin e, numa perspectiva interartes, em Clüver, busca-se com o cinema entre outras artes, apontar para práticas leitoras que, pela interação, possibilitam o desenvolvimento do senso crítico, a produção de sentidos e o olhar diferenciado para o texto literário, entre outros textos artísticos. As práticas leitoras propostas constituem-se em recursos didático/pedagógicos e metodológicos com o objetivo de aproximar, de forma lúdica e prazerosa, os alunos do texto literário.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, interartes, diálogo, leitura, aprendizagem.

¹ Professora da Seed. Especialista em Literaturas de Língua Portuguesa, atua no Ensino Fundamental e Médio, no Colégio Estadual São Vicente de Paulo - Irati – PR.

² Orientadora da proposta. Doutora em Literatura e Vida Social, docente do Departamento de Letras, UNICENTRO.

ABSTRACT

This article is based on the development of a research study with São Vicente de Paulo Public School sophomores at high school, in Irati - PR and has the purpose to search for alternatives to minimize the difficulties found inside the classroom, concerning the literature study. In this context, it is intended to show a new way to experience readings, based on contemporary features of language study as teaching and learning theory of Portuguese Language and Literature as proposed in the Basic Education Curriculum Guidelines (PR 2008).

Relying on both Bakhtin's dialogism and Clüver's interarts perspective we try to point to reading practices like cinema and other arts which through interaction enable the development of critical sense, meaning production and a differential overview to the literary text among other artistic texts.

The reading practices proposed here are in didactic, pedagogical and methodological resources in order to approximate students of literary texts in a playful and enjoyable way.

Key words: Literature. Interarts, Dialog. Reading. Learning.

1. Palavras Iniciais

Nesse trabalho de pesquisa, propusemo-nos a buscar experiências de leitura com o propósito minimizar as dificuldades encontradas, na atualidade, com o ensino/aprendizagem de Literatura, pois os crescentes apelos midiáticos e tecnológicos fazem com que nossos educandos não percebam o valor dos textos literários, em sala de aula e mesmo fora dela.

Com o intuito de melhorar a relação e a proximidade entre alunos e o objeto da aprendizagem em Língua/Literatura, o texto, propusemos para este estudo um trabalho de análise em práticas leitoras, numa perspectiva *interartes*. Apoiamos essa investigação no *dialogismo*, preconizado por *Bakhtin*, mediado pela polifonia e a

intertextualidade, na tentativa de levar os educandos, por meio de práticas de leitura, a perceberem as relações existentes entre textos de diferentes épocas, sob diferentes enfoques. Entre outras abordagens, centramos o trabalho na análise do texto fílmico, contemporâneo, *Caramuru: A Invenção do Brasil*, (2001), de Guel Arraes, exibido por ocasião dos 500 anos do Brasil, buscando possíveis relações dialógicas entre este e alguns excertos da obra literária *Caramuru: Poema Épico do Descobrimento da Bahia*, (1781), de José de Santa Rita Durão. A escolha deste enfoque deu-se pela referência, desta, ao Brasil na época do descobrimento e a representatividade do autor no Neoclassicismo/Arcadismo brasileiro.

Partindo do pressuposto de que os alunos no Ensino Médio pouco se interessam por textos literários buscamos desenvolver, com os participantes da pesquisa, práticas leitoras numa perspectiva interartes em música, imagens, pintura, escultura, finalizando com a leitura do texto fílmico. Pela participação e interação, buscamos levá-los a, criticamente, perceberem de forma lúdica e prazerosa, possíveis relações entre as diferentes abordagens e a obra literária, citada.

Salientamos que a obra em estudo, por tratar-se de uma epopeia, pela seriedade, rigidez estética da linguagem, nem sempre é bem aceita pelos educandos, justificando-se, assim, a necessidade de uma abordagem diferenciada.

A pesquisa, desenvolvida em caráter especificamente qualitativo, foi realizada com experiências pedagógicas de leitura, em sala de aula, com o intuito de levar os participantes, a estabelecer relações como forma de perceber sentidos que os levassem à proximidade do texto literário, compreendendo-o como um ato criativo, artístico, com características próprias, inerentes à Literatura.

O trabalho apoiou-se nos preceitos sobre o dialogismo, a polifonia e a intertextualidade, propostos por Bakhtin, mediados por estudos Interartes em Clüver e, principalmente, nas *Diretrizes Curriculares da Educação Básica* que, embasando as propostas curriculares de nossas escolas, propõe o trabalho com a Literatura fundamentado em teorias e práticas de ensino que: “busquem formar um leitor capaz de sentir e de expressar o que sentiu, com condições de reconhecer, nas aulas de literatura, um envolvimento de subjetividades que se expressam pela tríade obra/autor/leitor. (PARANÁ, 2008, p.58). Segundo Clüver, 1997, p. 40: “Questões de intertextualidade podem fazer de textos literários objetos propícios a estudos interartes – o que vale não apenas para textos literários ou simplesmente verbais”.

Neste contexto, é perceptível para nós, educadores, a necessidade de reavaliarmos, aprofundarmos e diversificarmos nossas práticas de leitura, tornando-as mais claras e instigantes no processo de formação de leitores autônomos. Buscamos práticas de leitura diversificadas, para que a escola, ao ensinar, cumpra o seu papel social, ou seja, propicie uma formação que possibilite aos alunos os domínios necessários para enfrentar, com sucesso, os desafios no processo de interação/inserção, impostos pela sociedade contemporânea.

Ainda, neste sentido, apoiamos nosso trabalho no exercício da leitura em diferentes artes, como estímulo, como ponto de partida para nos reaproximarmos da Literatura, hoje, em crise em nossas escolas, competindo em desvantagem com os meios de comunicação de massa. É vasto o campo de estudos *interartes* e dentre as possibilidades de abordagem estão: as ilustrações, auto-ilustrações, adaptações cinematográficas de textos.

É inegável a dificuldade da instituição escolar em competir com os crescentes apelos midiáticos e tecnológicos disponíveis, fazendo com que nossos educandos não tenham paciência e a atenção, necessárias, para acompanhar uma escola que, devido a muitos entraves, anda a passos lentos.

Um dos grandes entraves, considerando a abrangência do trabalho com a Língua Portuguesa/Literatura, é observado em relação ao número reduzido de aulas. Em algumas séries, contamos com apenas duas aulas semanais para desenvolver propostas curriculares, no caso do Ensino Médio, onde temos que priorizar conteúdos e práticas de ensino que propiciem a todos os alunos atingir os objetivos educacionais propostos.

Em meio ao processo educativo, outro entrave preocupante é o grande desinteresse pela leitura, em especial a literária, pela qual uma significativa parcela de alunos afirma ter aversão. Muitos não conseguem dar sentido, perceber na Literatura os reflexos das experiências humanas cotidianas, recriadas numa linguagem artística, própria, que, quando percebida, sensibiliza, pode contribuir para a melhoria da qualidade de ensino e como forma de inserção social.

O desinteresse pela leitura, base do processo, tem reflexos imediatos no conhecimento. Portanto, a formação de leitores competentes constitui-se, atualmente, num dos principais problemas a serem enfrentados na educação brasileira e isso preocupa a todo educador.

Dessa forma, fazer com que nossos educandos revejam a importância de incluir práticas de leitura, em sua rotina diária, é fundamental para que possamos desenvolver um leitor competente, autônomo.

Competência e autonomia que, pela leitura, traduzem-se em perceber no caráter individual do ato de ler, um fator fundamental no processo educativo. O texto literário, nesse processo, caracteriza-se como uma unidade de sentido que mantém relações dialógicas com o leitor e o mundo, pois, "Quanto melhor literariamente for o texto, mais complexo será o diálogo com o homem, oportunizando-lhe reflexões profundas sobre a identidade humana, individual e social." (TREVISAN, 1998, p.94)

Assim, a escola tem um importante papel na compreensão e adaptação das exigências desta sociedade emergente, em decorrência da evolução técnico-científica e técnico-industrial, bem como, de suas implicações nas relações sociais.

Destas exigências surge a necessidade de se buscar redefinições, possíveis soluções aos impasses educacionais, neste estudo, no tocante ao ensino/aprendizagem da Literatura, centrados na aproximação e leitura do texto literário, como forma de expressão verbal, que possibilita ao leitor refletir e incorporar, à sua rotina, novas experiências, no interior das esferas sociais como enfoca Bakhtin em:

Os gêneros não são enfocados apenas pelo viés estático do produto (das formas), mas principalmente pelo viés dinâmico da produção. [...] O ponto de partida de Bakhtin é a estipulação de um vínculo entre a utilização da linguagem e a atividade humana. Para ele, todas as esferas da atividade humana estão sempre relacionadas com a utilização da linguagem. E essa utilização efetua-se em forma de enunciados que emanam de integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. (FARACO, 2003, p.111)

Também neste sentido, as Diretrizes Curriculares da Educação Básica postulam que a leitura literária tem relações intrínsecas com a vida social em:

A literatura, como produção humana, está intrinsecamente ligada à vida social. O entendimento do que seja o produto literário está sujeito a modificações históricas, portanto, não pode ser apreensível somente em sua constituição, mas em suas relações dialógicas com outros textos e sua articulação com outros campos: o contexto de produção, a crítica literária, a

linguagem, a cultura, a história, a economia, entre outros. (PARANÁ, 2008, p.57)

Trabalhar com o texto literário pressupõe enfatizar a importância da Literatura em seu contexto de produção e recepção, na multiplicidade de vozes empregada, pela possibilidade de, por ela, compreender a construção da nossa cultura passada, pelas relações que estabelece com o presente.

A literatura por ser criação artística, ao fazer uso da linguagem de forma peculiar, possibilita relações dialógicas com outras artes, rompe com códigos estabelecidos em busca do novo. No rompimento com códigos estabelecidos, propusemos durante o desenvolvimento deste estudo, no período de implementação na escola, algumas das possibilidades de relações da literatura com a música, pintura, escultura e, em especial, com o cinema, como meio de aproximação de leitura do texto literário.

Reconhecemos no cinema, além das outras artes abordadas, um recurso midiático riquíssimo, pelas possibilidades de leituras dialógicas, intertextuais, inicialmente, pela imagem que, atualmente, chama mais atenção para a leitura do que, propriamente, o texto escrito. Ao trabalharmos com o cinema em sala de aula devemos levar em conta que: “A peculiaridade do cinema é que ele, além de fazer parte do complexo da comunicação e da cultura de massa, também faz parte da indústria do lazer e constitui ainda obra de arte coletiva e tecnicamente sofisticada”. (NAPOLITANO, 2009, p.14)

Na mediação do processo de interação dos participantes desse estudo, com diferentes linguagens, procuramos levá-los a perceber as relações dialógicas, polifônicas, intertextuais, como propõe Bakhtin em: “A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero. (BAKHTIN, 2003, p. 268)

Entendendo a leitura como ato individual na construção de sentidos entre autor e leitor, tentamos, neste estudo, apontar possibilidades de contextualização entre as artes abordadas e a seleção inicial de partes da obra literária analisada, visto tratar-se de uma epopéia e demandar especial atenção do leitor para produção de sentidos, que levem a compreensão da totalidade da criação artística. Dessa forma: “a construção de sentidos nos textos experienciada, dialogicamente, na

prática de leitura em diferentes contextos requer a compreensão das esferas discursivas e de circulação em que os textos são produzidos e circulam.” (PARANÁ, 2008, p.57).

Assim, buscamos pelo estímulo e participação dos envolvidos nas práticas pedagógicas propostas, ampliar o *horizonte de expectativas* em relação aos textos literários e, conseqüentemente, o horizonte social embasados no desenvolvimento de uma postura crítica referente à leitura e sobre o reflexo por ela traduzido nas experiências cotidianas, na visão ou leitura de mundo.

No período de elaboração da proposta pedagógica, em forma de Unidade Didática, cuja implementação na escola, deu sustentação à análise deste estudo, contamos dentro do Programa de Desenvolvimento da Educação (PDE), com a colaboração do Grupo de Trabalho em Rede.

Neste grupo, foi produtiva a participação especial de uma professora, da rede estadual que, por compartilhar as mesmas angústias e preocupações em relação ao trabalho com a Língua/Literatura, colaborou e opinou, positiva e criticamente, sobre o direcionamento da proposta de trabalho.

2. Literatura, Arte e Ensino

No início do século XXI, foram grandes as mudanças e os avanços ocorridos em relação ao acesso à cultura letrada, ao saber, pois vivemos na era da informação, da comunicação, da explosão tecnológica, o que demanda muitas leituras, muitas informações concomitantes. No entanto, apesar dos avanços ocorridos, pesquisas recentes comprovam que precisamos melhorar os resultados das avaliações educacionais em nosso país e uma das causas apontadas para o baixo desempenho dos alunos é o déficit de leitura, na compreensão do que leem.

A escola, perante esta realidade, tem uma grande responsabilidade ao buscar corresponder às expectativas sociais quanto ao processo de formação de leitores. Referimo-nos não ao leitor decodificador, reprodutivista, mas ao leitor que, instigado pelo que lê, ao *dialogar* com o texto, intertextos, produz sentidos no contexto em que está inserido, na sua visão de mundo, permitindo-lhe perceber que, “todo o texto é um elo na cadeia da interação social, é uma resposta ativa a outros

textos e pressupõe outras respostas. A abordagem apenas formal exclui o texto de seu contexto social.” (PARANÁ, 2008, p.47)

As atuais Diretrizes Curriculares da Educação Básica, propõem o ensino da Língua Portuguesa/ Literatura que possibilite aos educandos uma formação que lhes dê condições de enfrentamento às transformações da realidade social, econômica e política; tendo como parâmetro um currículo centrado nas dimensões *científica, artística e filosófica* do conhecimento. (PARANÁ, 2008, p.28)

Neste estudo, partimos do pressuposto de que a dimensão artística é o fruto da relação específica do ser humano com o conhecimento e o mundo.

Consideramos o ato criativo um elemento fundamental no processo de educação. Sendo assim, o conhecimento artístico centrado na criação, no fazer algo inédito, singular, cuja expressão, no objeto criado transcende o sujeito criador, representa uma nova realidade social.

Dessa forma, tomando como ponto de partida a capacidade criativa dos alunos, relativa à dimensão artística do conhecimento, porém contextualizando-a para além da disciplina de Arte, poderemos contribuir com a humanização dos sentidos. Para tanto nosso trabalho deve procurar, gradativamente, sensibilizando-os, levá-los a perceberem possibilidades de *diálogo* entre disciplinas, entre textos em diferentes contextos. Neste sentido, a concepção de linguagem preconizada por Bakhtin e permeada pelo *dialogismo* fundamenta a condição e o sentido do discurso em: “As relações dialógicas são relações semânticas entre toda a espécie de enunciados na comunicação discursiva”. (BAKHTIN, 2003, p.323)

Destacamos ainda outra referência em que, segundo Bakhtin o sujeito dialógico se constitui no mundo de vozes sociais e em múltiplas relações dialógicas:

É nessa atmosfera heterogênea que o sujeito, mergulhado nas múltiplas relações e dimensões da interação socioideológica, vai se constituindo discursivamente, assimilando vozes sociais e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas. É nesse sentido que Bakhtin várias vezes diz, figurativamente, que não tomamos nossas palavras do dicionário, mas dos lábios dos outros. (FARACO, 2003, p. 80,81)

Entre as disciplinas trabalhadas no Ensino Médio, optamos pela possibilidade de buscar estabelecer relações dialógicas entre a Arte e a Literatura. Esta,

percebida em sua especificidade, como a arte de se trabalhar com as palavras, que inerentes aos discursos, dependendo da percepção, do afastamento da linguagem do seu aspecto comum, dos sentidos atribuídos, aos textos pelos leitores, poderão ou não, ser considerados literários:

A arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre a obra, o autor e o público. O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. Os artistas incompreendidos, ou desconhecidos em seu tempo, passam realmente a viver quando a posteridade define afinal seu valor. Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e sua própria obra. (CANDIDO, 2000, p.33)

Sendo assim, buscamos, pela leitura na dimensão artística, a capacidade criativa e crítica dos alunos levando-os a perceber as relações do conhecimento entre as disciplinas:

A literatura é um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é um produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (CANDIDO, 2000, p.68).

A concepção dialógica discursiva bakhtiniana é enfocada sob dois aspectos: da interação verbal entre enunciador e enunciatário do texto e da intertextualidade, no interior do discurso.

Sob o viés da intertextualidade, no dialogismo discursivo proposto por Bakhtin, pretendemos, neste trabalho de pesquisa, focar o ensino de Literatura em práticas de ensino, ancoradas em ações, singulares, que levem à definição de abordagens do texto literário, estabelecendo relações com outras áreas do conhecimento ou códigos de linguagem.

O enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria idéia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento. (BAKHTIN, 2003, p.298)

Em conformidade com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Língua Portuguesa: “a escola deve ser entendida como o espaço do confronto e diálogo entre os conhecimentos sistematizados e os conhecimentos do cotidiano popular”. (PARANÁ, 2008, p.21)

Atualmente, considerando-se os preceitos sobre dialogismo, intertextualidade, revela-se insustentável a afirmação de auto-suficiência do texto literário em detrimento de seus vários contextos. A intertextualidade permite aos estudiosos de textos literários, ou não, possibilidades interessantes de estudos interartes nos campos da literatura, música, teatro, cinema entre outras artes.

Estudar Literatura requer o conhecimento de outras disciplinas, outras artes. A *interartes*, como a literatura comparada, não tem metodologia própria, mas busca formar leitores, que combinam e fundem diferentes meios e sistemas de signos, em leitores competentes, críticos, capazes de perceber grande parcela das criações artísticas, resultantes das relações dialógicas entre diferentes linguagens que constituem a produção estética contemporânea.

Para Candido, a Literatura é vista como a *arte que transforma/humaniza o homem e a sociedade*, cumprindo três funções: a psicológica, a formadora e a social. Nas concepções dialógica, transformadora e humanizadora é que centramos o objeto desta pesquisa buscando, em práticas diferenciadas de leitura, levar os participantes a perceberem a Literatura hoje como um instrumento de educação, formação social e humana.

Atendendo às DCE, na busca de ir além das dimensões científica e filosófica, centramos este estudo, na dimensão artística do conhecimento, estabelecendo relações intertextuais entre literatura e cinema, entre outras artes, por entendermos que nossos alunos estão inseridos num contexto social em que vivenciam muitas outras linguagens sedutoras. O cinema é uma delas e nos valem dele para, num processo interartes com a Literatura, (re)pensar o ensino do texto literário.

Nesta fase do processo ensino/aprendizagem, o trabalho com textos literários, garantido por lei, nas DCE - Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Língua Portuguesa: “deve propiciar ao educando a prática, a discussão, a leitura de textos de diferentes esferas sociais (jornalística, literária, publicitária, digital etc.” (Paraná, 2008, p.50) enfatizando, nas práticas discursivas, a interação da linguagem verbal com outras linguagens, levando ao multiletramento:

[...] (as artes visuais, a música, o cinema, a fotografia, a semiologia gráfica, o vídeo, a televisão, o rádio, a publicidade, os quadrinhos, as charges a multimídia e todas as formas infográficas ou qualquer outro meio linguageiro criado pelo homem), percebendo seu chão comum (são todas práticas sociais, discursivas) e suas especificidades (seus diferentes suportes tecnológicos, seus diferentes modos de composição e de geração de significados) (FARACO, 2002, p.101).

Neste estudo buscamos pelo estímulo e interação nas práticas leitoras propostas, levar os participantes da pesquisa à aproximação do texto literário e, conseqüentemente, a ampliarem o horizonte de expectativas, entendendo a função social da literatura, percebendo-a como representação social e humana.

3. Estratégias de leitura

As práticas pedagógicas, neste estudo, tiveram como intuito pela fruição em artes diferenciadas, aproximar uma turma de alunos do 2º ano do Ensino Médio, da obra literária, *Caramuru: Poema Épico do Descobrimento da Bahia*, (1781), atribuindo-lhe sentidos, pela participação ativa nas estratégias de leitura propostas, realizadas em sala de aula, no Colégio Estadual São Vicente de Paulo em Irati – PR.

As estratégias foram divididas em seis atividades, segundo a especificidade da prática leitora, às quais nominamos na sequência:

- a) Ação 1 - Des(cobrimientos);
- b) Ação 2 - A Arte e o des(cobrimento);

- c) Ação 3 - Cruzando as artes;
- d) Ação 4 - O texto fílmico na sala de aula;
- e) Ação 5 - O texto literário na sala de aula;
- f) Ação 6 - Literatura e Cinema: o diálogo entre as artes.

As possibilidades de leitura inseridas nas práticas, singulares, de ensino foram realizadas considerando que, de maneira geral, nossos educandos são atraídos pela imagem. A partir dela, numa perspectiva *interartes*, como forma de discursos transdisciplinares, em torno das artes e suas inter-relações, buscamos, pela leitura de diferentes textos artísticos, diminuirmos a distância, hoje significativa, entre o leitor e a obra literária.

Ao reconhecermos a importância do dialogismo, da polifonia no processo de leitura e admitirmos as relações entre poeta/compositor/produtor de textos, no contexto da produção/recepção, é possível atribuir sentidos às várias formas de textos artísticos que nos circundam como a poesia, a música, a pintura e, em especial, neste trabalho, o cinema.

Este, conforme procuraremos demonstrar, em parte deste estudo, permite uma estreita relação com o texto literário.

A implementação da proposta pedagógica, em forma de Unidade Didática, referente a este estudo, ocorreu em uma turma composta por 26 alunos (10 alunos e 16 alunas), do 2º ano do Ensino Médio, matutino, entre os meses de setembro e novembro, no Colégio Estadual São Vicente de Paulo, em Irati – PR.

Durante este período tivemos feriados que coincidiram com finais e início de semana. Em decorrência disso, em dias letivos programados para o desenvolvimento/implementação da pesquisa, segunda e sexta-feira pelo horário em vigor na escola, alguns alunos viajaram, outros não compareceram ficando inviável o trabalho e interferindo, de alguma maneira, na programação. Relatamos este fato por ter-se constituído em mais um dos entraves, na escola, à fluência do trabalho proposto.

No primeiro contato com a turma, fizemos a apresentação da proposta pedagógica, ressaltando a importância da leitura na perspectiva *interartes*, ou seja, da leitura de outras artes, como meio de sensibilização e aproximação do texto literário, objeto deste estudo.

Destacamos, em *interartes*, o valor da música, pintura, escultura, do cinema e as possíveis relações destas artes com a Literatura, a serem constatadas no

desenvolvimento e aplicação da proposta pedagógica. Ressaltamos, principalmente, a importância da Literatura e a lacuna existente entre esta e a falta de percepção, de uma grande parcela de alunos, sobre o real valor dos textos literários.

Na sequência, optamos por aplicar um questionário, como forma de traçar um perfil da turma, donde obtivemos como resposta tratar-se de uma turma heterogênea, visto que quinze alunos moram em área urbana e onze na área rural. A turma mostrou-se bastante agitada, mas, mesmo em meio à agitação, deu para perceber um grupo mais interessado na proposta de trabalho.

Questionados sobre o gosto pela leitura, doze alunos responderam que gostam de ler, dos restantes, oito disseram que gostam *“um pouco”* e seis disseram que *“não gostam de ler”*.

Sobre as preferências de leitura foram citadas algumas obras literárias, das quais destacamos: A Ilustre Casa de Ramires, Iracema, Sagarana, O Alienista, O Primo Basílio, O Mundo de Sofia, Dom Casmurro, Memórias Póstumas de Brás Cubas; Memórias de um Sargento de Milícias, Senhora, Moreninha, Código da Vince, entre outras, da série Harry Potter.

Outra questão investigada foi quanto ao gosto pelo cinema. A maioria da turma, vinte e quatro alunos, respondeu que gosta de assistir a filmes. Destes, somente cinco frequentam o cinema da cidade *“porque se sente bem”*, *“para dar apoio”*, *“porque gosta de filmes”*, *“porque é cultura”*; os outros preferem assistir em casa por *“falta de oportunidade”*, *“falta de tempo”*, *“falta de companhia”*, *“porque o cinema é longe de casa”*. Dois alunos responderam que *“raramente vão ao cinema”*.

Quanto às preferências dos filmes assistidos, a maioria citou filmes trabalhados, em sala de aula, em anos anteriores como: *“O menino do Pijama Listrado”* e *“Um Amor Para Recordar”*, destacando-se, também, nas respostas o filme, *“Crepúsculo”*, pela trama romântica entre a *“mocinha e o vampiro”*.

Na continuidade do desenvolvimento do estudo, iniciamos as atividades práticas de leitura propostas para o trabalho em sala de aula, na sequência das ações, já nominadas.

3.1 Ação 1 Des(cobrimientos)

Nesta prática propusemo-nos a observar nos alunos a produção de sentidos ou relações estabelecidas ao visualizarem imagens, previamente selecionadas, referentes ao Brasil, em contextos histórico/sociais diferentes e, visualizando-as, instigá-los à, de alguma forma, tentar identificá-las.

Na atividade foi utilizada, a música “*Que País é Esse?*” do grupo Legião Urbana, disponível em: http://sonora.terra.com.br/#/cd/37111/que_pais_e_este, também como recurso didático, buscando caracterizar, ao ouvi-la, uma prática de leitura na perspectiva interartes, pelas possíveis relações entre os dois recursos utilizados.

Ao buscar as possíveis relações entre a imagem e a música, procuramos ressaltar a importância de reconhecermos, como leitores, nos diferentes modos de leitura, as relações intertextuais que dão sentido aos textos, de forma a perceber que dialogam entre si, ou seja, não são autônomos.

Para instigar o reconhecimento, pelos alunos, do processo de intertextualidade entre a leitura de imagens e da música, foi lembrado de que perceber as inter-relações entre leituras de diferentes textos depende da formação, da cultura de cada indivíduo, além do contexto de recepção. Ou seja, que a leitura de um texto pode abrir-se para diferentes interpretações conforme o repertório e a visão de mundo do leitor.

Após visualizarem as imagens e ouvirem a música buscando relacioná-las, propusemos alguns questionamentos para reconhecer a validade dos recursos utilizados. A maioria dos alunos conseguiu estabelecer relações entre as imagens e a música, respondendo às questões propostas na prática leitora.

As imagens não reconhecidas referiam-se a contextos desconhecidos pela turma, como por exemplo: Porto Seguro (Bahia); um córrego (Iratí); pintura em tela, contemporânea, de Carmem Florá, relativa ao descobrimento do Brasil.

Pudemos observar que alguns alunos não valorizaram a prática, como uma possibilidade diferenciada de leitura, fazendo brincadeiras como, por exemplo, ao visualizar o córrego (Iratí) dizer “*é o quintal da minha casa...*” provocando risos e, conseqüentemente, a dispersão da turma.

Quanto à música utilizada “*Que País é Esse?*” (1987), apesar de não ser uma gravação recente, a maioria dos alunos já a conhecia, disseram tê-la ouvido, em algum momento, conseguindo, assim, associar as imagens ao contexto musical.

Os questionamentos, relativos à prática leitora, feitos aos alunos após a apresentação das imagens e da música, foram:

- Você reconhece as imagens apresentadas?
- Reconhecendo-as, você saberia dizer a que (lugares) elas se referem?
- Pela visualização das imagens você poderia dizer que descobriu algo?
- Ouvindo a música “*Que País é Esse?*” do grupo Legião Urbana, você é capaz de perceber alguma relação com as imagens visualizadas?
- Você consegue perceber a crítica implícita na música? A quem ou a que ela se refere?
- A música “*Que País é Esse?*” não é uma gravação recente, porém você consegue estabelecer alguma relação crítica com a realidade?
- Para você o Brasil foi descoberto? Justifique.
- Hoje, que país é esse? Como você o vê?

Selecionamos algumas das respostas obtidas por considerá-las relevantes ao proposto, nesta prática, em que fizemos uso de imagens e da música como estratégia de leitura.

Foi unânime a opinião dos alunos quanto ao des(cobrimto) do Brasil pelos portugueses, em relação à leitura que têm do fato, relacionando-a à atividade proposta, o que demonstramos a seguir, nas respostas ao questionamento:

- Para você o Brasil foi descoberto? Justifique.

“Não, pois antes dos exploradores utilizarem a palavra “Descobrimto”, já existia um povo, uma cultura.

“Não, foi encontrado por pessoas que trouxeram para cá uma cultura diferente”.

“Não, pela visão histórica que temos se analisarmos os documentos se tratando do descobrimto do Brasil, o nosso país já era habitado pelos indígenas, o que nos faz perceber, claramente, que ninguém pode descobrir algo já descoberto”.

“Não. Os portugueses e espanhóis quando aqui chegaram se fizeram donos do Brasil, porém, os índios foram os primeiros e verdadeiros habitantes”.

“Não, pois aqui já existiam habitantes, os verdadeiros donos da terra, que estavam aqui quando o Brasil foi supostamente descoberto”.

“Não, acredito que os portugueses ficaram com a fama de “descobridores”, pois alegaram terem encontrado uma nova terra, porém, já havia ali os nativos que viviam em plena paz e serenidade.”

Na continuidade da prática relacionando, intertextualmente, as imagens e a música trabalhadas, ao Brasil da atualidade, percebemos que as respostas dos

alunos foram coerentes com a análise e interpretação propostas no seguinte questionamento:

- Hoje, que país é esse? Como você o vê?

“Atualmente é um país com vários problemas, mas com potencial para crescer. Curiosamente esse é um ano de eleição e novamente, o povo tem a oportunidade de melhorar”.

“Um país em desenvolvimento, cada vez maior, está sempre evoluindo e melhorando, mas também está gerando muita poluição, problemas para os seres vivos e a população”.

“Eu vejo o Brasil com muita desigualdade social, muito preconceito, pessoas que têm muito e outras que não têm nada”.

“Hoje eu vejo o país com muitos problemas, como poluição e o desmatamento que prejudicam o ar que respiramos, mas também é muito rico em diversidade de fauna e flora”.

“O Brasil hoje é um dos países que mais possui recursos naturais, com um vasto território, porém parece que a população não se empenha em torná-lo uma nação melhor, com menos desigualdades e corrupção, com mais valores e oportunidades...”

“O mesmo país da música com corrupção, os políticos corruptos e um país com falta de esperança de que um dia o Brasil seja um país rico e desenvolvido, mas principalmente sem corrupção”.

Pelas respostas aos questionamentos após os recursos utilizados, ou sejam, imagens e música, como meios à prática leitora desenvolvida, pudemos constatar que os alunos interagiram criticamente, correspondendo de maneira satisfatória, quanto à produção de sentidos, na atividade de leitura proposta. Desse modo, constatamos que os gêneros do discurso e as atividades humanas são mutuamente constitutivos, acontecem na interação. Das situações interativas, dialógicas, concretas, a comunicação surge como uma função da linguagem. Encontramos suporte para esta constatação em:

Todo discurso mantém relações com aqueles já produzidos e também com aqueles que virão a sê-lo. Nas nossas palavras, sempre estão nas palavras dos outros. Nesse processo, o sentido não é anterior à sua construção e nem se origina no sujeito, mas se constrói no espaço em que a interação verbal se efetiva. (FLORES & ROLLA, 2001, p.24)

Complementando essa constatação, vale ressaltar a importância do diálogo entre sujeitos de um discurso em:

Por sua precisão e simplicidade, o diálogo é a forma clássica de comunicação discursiva. Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui uma conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita resposta, em relação à qual se pode assumir uma posição responsiva. (BAKHTIN, 2003, p.275)

Embasados nesses conceitos entendemos a validade da experiência leitora no sentido de contribuir para a produção de sentidos aos textos, sejam eles verbais ou em diferentes linguagens.

3.2 Ação 2 A arte e o des(cobrimto)

Nesta atividade tendo como suporte a prática anterior, relativa ao descobrimento usamos como apoio didático/pedagógico a Arte considerando que para reconhecê-la, interpretá-la, atribuir sentidos ao ato criativo, temos que fazer leitura. A prática leitora apoiou-se em imagens, apresentadas na TV multimídia, de pinturas em tela de Carmem Florá disponível em: <http://www.manolosaez.com.br/site.php?mod=ct&obra=49&artista=25> e de Oscar Pereira da Silva, http://www.forumnumismatica.com/viewtopic.php?f=54&t=26605ep.bloghttp://1.bspot.com/_MzblgS4JWdw/Sul1KjTHISI/AAAAAAAAABU/pkJ7pXTVAQY/s1600-h/Image.jpg ambas representativas do descobrimento do Brasil, porém, em diferentes contextos histórico-sociais. Embasamos esta prática em: “A porta de entrada para o trabalho pode ser tanto o tema quanto o movimento literário.” [...] “ Mas é possível também buscar caminhos apontados pelo próprio texto em suas relações dialógicas com outros textos”. (CEREJA, 2005, p.166). Apoiados, nesta proposta metodológica, procuramos levar os alunos, pela leitura, a buscarem, intertextualmente, relações dialógicas entre composições artísticas, em diferentes contextos.

Na abordagem retomamos a importância de percebermos a Arte enquanto objeto da criação e linguagem que dialoga com outros textos. Sendo assim, exige, para interpretá-la, leitores atentos aos contextos de produção das criações artísticas

para, pelos sentidos, atribuir-lhes significações. Reforçamos que observar objetos, fatos cotidianos, ou apreciar criações artísticas implica na atribuição de significados, pois: “O ato perceptivo não é passivo. Essa atribuição de significados é a maneira de compreender a experiência e de torná-la inteligível. Portanto, ver é produzir conhecimento sobre aquilo que é visto”. (PEREIRA, 2008, p.19)

Embasados neste enfoque, apresentamos, primeiramente, a obra contemporânea de Carmem Florá, sem fazer referência ao descobrimento do Brasil, solicitando aos alunos que, ao observá-la, procurassem estabelecer relações com algum elemento ou fato por eles conhecido.

Por alguns dos elementos de composição da obra ser apresentados de forma abstrata, a totalidade dos alunos ateu-se às imagens mais definidas entre os elementos que compõem a criação artística.

Instigados a prosseguirem na busca de possíveis significações aos elementos desconhecidos, percebemos, assim como acontece com os textos verbais, uma parcela de resistência em persistir em uma leitura quando esta oferece alguma dificuldade. O que constatamos em:

O leitor fluente processa a informação de forma rápida, regular e automática. Quase sem esforço. Nesse caso, os processadores responsáveis pelo tratamento da informação não são muito exigidos. Contudo, assim que surge um empecilho qualquer, que alerta o leitor para falhas na compreensão, instaura-se outro procedimento, mais lento, controlado, não-automático, que demanda acréscimos de esforço e exige mecanismos de verificação e remoção da dificuldade de compreensão, além de estratégias de leitura mais reflexivas. (FLÔRES, 2001, p.83,84)

Como estratégia de reflexão, retomamos a importância da leitura em vários contextos, inclusive o artístico.

Posto isto, situamos a pintura para além da arte materializada em imagem, percebendo-a, também como um texto, caracterizado como não-verbal que, para ser interpretado, compreendido, demanda leitura, ou seja, produção de sentidos. Neste contexto, embasamo-nos na citação:

A obra, como a réplica do diálogo, está disposta para a resposta do outro (dos outros), para a sua ativa compreensão responsiva, que pode assumir diferentes formas: influência educativa sobre os leitores, sobre suas convicções, respostas críticas, influência sobre seguidores e continuadores; ela determina as posições responsivas dos outros nas complexas condições de comunicação discursiva de um dado campo da cultura. A obra é um elo na cadeia da comunicação discursiva está vinculada a outras obras – enunciados [...] (BAKHTIN, 2003, p.279)

Dessa forma, foi possível continuar a atividade quando, estimulados, os alunos mais atentos, conseguiram atribuir sentidos aos elementos representados, inclusive aos de forma mais abstrata, na composição artística de Carmem Florá.

Porém, apesar do esforço depreendido, na busca de sentidos para os elementos visualizados, nem todos conseguiram relacioná-los ao descobrimento do Brasil, o que demonstramos a seguir em alguns recortes na prática aos questionamentos feitos como estratégia de leitura:

- Quais os elementos visuais que compõem a obra de arte?
- Observando a composição artística, da obra de Carmem Florá, você consegue estabelecer relações com algo ou fato(s) do(s) qual(is) já tenha conhecimento?
- Ao observar, atentamente, as linhas, as cores, os elementos utilizados pela artista plástica, que sentido a obra de arte tem ou faz para você? Existem metáforas na composição?

Dentre as colocações feitas pelos alunos selecionamos algumas respostas, representativas, da leitura feita pela turma:

“Aparentemente uma índia, uma floresta e um barco representado na areia.”

“Podemos observar vários elementos como: um quadro, representando uma mistura de imagens, uma índia sentada, observando a grande caravela no fundo do quadro, pincelado em ondas. O quadro parece estar rasgado ou recortado e montado de forma artística, contemporânea, ou seja, do Brasil na era digital.

“É uma obra complexa, contudo muito bem formulada, uma vez que cada detalhe emite-nos grandes significados.”

“Um contraste de cores fortes que inspiram riqueza e vida. A obra possui uma série de detalhes que nos permite uma visão parcial do Descobrimento do Brasil e, de certa forma, mostra que o descobrimento foi valioso para Portugal.

“Sim, o descobrimento do Brasil, pois nela o barco representa a chegada dos portugueses, a índia, os povos que aqui habitavam, as árvores

representando plantas medicinais, muito utilizadas pelos índios, tudo lembrando o descobrimento do Brasil.”

Vale ressaltar que esta atividade, aparentemente, de fácil interpretação, demandou em mais tempo que o previsto, pelas dificuldades encontradas com a leitura ou a atribuição de sentidos às imagens abstratas.

Para que os alunos percebessem a relação entre os elementos de composição da obra de arte, lembramos-lhes a importância de acionar os conhecimentos prévios relativos à imagem analisada, o que exigiu reflexão, mas resultou em compreensão, senão da totalidade, de boa parte da criação artística.

Na continuidade desta prática apresentamos à turma a imagem da composição artística de Oscar Pereira, Desembarque de Cabral, datada de 1922, já referenciada, presente na maioria dos livros didáticos, para ilustrar o fato histórico do descobrimento do Brasil. Percebemos, aqui, que não houve muita dificuldade na leitura e atribuição de sentidos, na oralidade, aos elementos de composição da obra, o que atribuímos ao fato de a maioria dos envolvidos na atividade, em algum momento da sua vida escolar, ter visualizado imagem representada na obra de arte, dando-lhes subsídios para responder aos seguintes questionamentos:

- Que elementos visuais fazem parte desta composição artística?
- Analisando os elementos de composição da obra de Oscar Pereira, você consegue estabelecer relação com algum acontecimento?
- Que interpretação você faz dessa obra de arte?

Desta atividade selecionamos algumas respostas que, entendemos mais significativas em relação à leitura da obra de Oscar Pereira, como segue:

“O litoral brasileiro com os índios e o desembarque de Cabral”

“Como na obra de Carmem Flora, mostra o descobrimento do Brasil.”

“Nesta imagem está claro o desembarque dos portugueses no litoral brasileiro, mas não de modo tão pacífico.”

“Tendo em vista o descobrimento do Brasil, a interpretação de defesa, contra os portugueses, obviamente, os índios não estavam esperando essa chegada enorme, ou seja, assustados com a reação da invasão portuguesa.”

“Um grupo de nativos indígenas, recepcionando a chegada de seus invasores, os quais chegam em grande número. Uma pequena parte da riqueza natural (floresta, a areia, o mar que banha a costa). Outras caravelas chegando ao fundo, trazendo portugueses, espanhóis e

degradados, causando desconfiança e despertando a curiosidade dos nativos que se encontravam inquietos.”

Constatamos, pelas respostas aos questionamentos propostos para a atividade leitora, a dificuldade de escrever sobre algo visualizado, apesar da familiaridade com a imagem a ser interpretada, discursivamente.

Entre as leituras feitas destacamos algumas que identificam mais detalhes da obra em análise como em:

“Os moradores da ilha, no caso os índios, os portugueses e espanhóis chegando em um barco, lá no fundo aparece a caravela, as cores da obra são cores quentes.”

“Se pensarmos quão remota é a obra não pode passar despercebida a qualidade do desenho e, principalmente, dos detalhes, juntamente com a veracidade dos fatos. Na obra as cores têm um tom mais único, menos colorido e não leva a um sentido crítico, apenas retrata o acontecimento: a mata, os índios, as embarcações, o mar, exatamente o retrato fiel daquilo que conhecemos e ouvimos sobre o Descobrimento.”

Ressaltamos, também, que não passaram despercebidos alguns erros de concordância e regência nas colocações transcritas dos alunos, no entanto, entendemos não ser este o foco deste trabalho o qual se restringe à leitura de imagens, com intuito de aproximá-los do texto literário.

Complementando a prática, enfocando a leitura de imagens de um mesmo tema em diferentes contextos, questionamos os alunos quanto à possibilidade de se estabelecer relações entre as obras analisadas e algum fato ou acontecimento. Todos concluíram que as obras de arte faziam referência ao Brasil, relacionando-as ao descobrimento, pela presença do elemento indígena e da caravela nas duas criações artísticas.

Na sequência, para finalizar a atividade, propusemos aos alunos que, em duplas, fizessem uma composição criativa que representasse o descobrimento, ou algo referente ao Brasil, na atualidade.

Embasamos tal proposta nas DCE, abordando a dimensão artística do conhecimento que, articulando-se, com os encaminhamentos metodológicos postulam que:

Na concepção de linguagem assumida por estas Diretrizes, a leitura é vista como um ato dialógico, interlocutivo. O leitor, nesse contexto, tem um papel ativo no processo de leitura, e para se efetivar como co-produtor, procura pistas formais, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões, usa estratégias baseadas no seu conhecimento linguístico, nas suas experiências e na sua vivência sócio-cultural. (PARANÁ, 2008, P.71)

Em outra abordagem nas DCE:

O educador deve atentar-se, também aos textos não-verbais, ou ainda, aqueles em que predomina o não-verbal como: a charge, a caricatura as imagens, as telas de pintura, os símbolos como possibilidades de leitura em sala de aula; os quais exigirão de seu aluno-leitor colaborações diferentes daquelas necessárias aos textos verbais. Nesses, o leitor deverá estar muito mais atento aos detalhes oferecidos nos traços, cores, formas, desenhos. (PARANÁ, 2008, p. 72/73)

Neste contexto, concordamos com: “A arte dialogada, é a produção artística desenvolvida em sala de aula (...) os sujeitos criam suas obras referenciadas na teia de relações que se estabelecem entre os sujeitos da cena pedagógica”. (PEREIRA, 2008, p. 12,13)

Pudemos constatar ao final desta prática que mesmo a atividade realizada em duplas, com o propósito da troca de ideias, alguns pares encontraram muita dificuldade em representar, no papel, o que entenderam sobre o tema proposto.

Essa dificuldade fez com que percebessem que produzir algo criativo, em desenho ou escrita, não é fácil, o que contribuiu para complementarmos essa prática leitora lembrando, aos alunos, que o processo criativo envolve percepção, atenção, conhecimento, dedicação.

3.3 Ação 3 Cruzando as artes

Esta prática constituiu-se da proposta de leitura de diferentes artes. A estratégia utilizada foi conduzir um diálogo entre os alunos estimulando-os a, pela observação, perceberem e explorarem os aspectos formais e de composição,

estabelecendo relações comparativas, entre as obras de arte utilizadas como recurso didático/pedagógico na atividade leitora.

As criações artísticas abordadas nesta prática foram uma pintura em óleo sobre tela de Victor Meirelles (1866), disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Vitor_meirelles_-_moema02.jpg e uma escultura em bronze de Rodolfo Bernardelli (1894-1895), disponível em: <http://blogs.myspace.com/index.cfm?fuseaction=blog.viewcustom&friendId=105209747&blogId=424577107&swapped=true> em exposição como parte do acervo cultural da Pinacoteca de São Paulo. As duas obras de arte retratam *Moema*, personagem da obra literária, *Caramuru: Poema Épico do Descobrimento da Bahia (1781)*, de José de Santa Rita Durão. Na proposta de leitura os alunos deveriam, reconhecendo as diferenças de composição entre as obras de arte, buscar estabelecer relações entre as duas criações artísticas e a morte da personagem, Moema, descrita nos versos, no Canto I, estrofe XLII por DURÃO, 2003, p. 147 em:

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Pálida a cor, o aspecto moribundo;
Com a mão já sem vigor, soltando o leme,
Entre as salsas escumas desce ao fundo:
Mas a onda do mar, que irado freme,
Tomando a aparecer desde o profundo,
Ah Diogo cruel! Disse com mágoa,
E sem mais vista ser, sorveu-se n'água.

Nesta atividade leitora os alunos, organizados em duplas, tiveram acesso às imagens das duas obras de arte e do texto, pela TV multimídia, em sala de aula. Pudemos constatar que nossos alunos, não estão preparados para ler criações artísticas entendendo-as também como gêneros textuais. Levá-los a reconhecê-las, compreendê-las como obras de arte exige, inicialmente, um trabalho de concentração, chamada de atenção para então partirmos para a análise.

Com intuito de instigá-los para tal percepção, após fazer uma breve apresentação das obras sugeridas, os alunos iniciaram a atividade de leitura proposta, buscando relações de aproximação entre as criações artísticas e o fragmento literário de Santa Rita Durão. Para auxiliá-los no encaminhamento do

processo de leitura sugerimos, aos pares, que buscassem refletir sobre as respostas aos seguintes questionamentos:

- O que vemos representado nestas imagens?
- Você consegue estabelecer relações entre as duas criações artísticas, representadas pela pintura e escultura?
- Considerando tratar-se de artes diferentes como você analisa a representação da morte de Moema, em cada uma delas, tendo como referência os versos de Santa Rita Durão?
- Após a análise crítica, para você, qual das duas obras de arte melhor representa o fato descrito no poema épico Caramuru? Justifique.

Dentre as respostas, para fundamentar a prática leitora no intuito de buscar relações de sentido, entre as duas criações artísticas, destacamos:

“Nas imagens podemos ver a morte de Moema, uma indígena apaixonada por Diogo, e está representada de duas formas: sendo uma pintura em tela de Victor Meirelles e outra, uma escultura em bronze de Rodolfo Bernardelli.”

“Na obra de Victor Meirelles notamos que o corpo de Moema é devolvido pelo mar à praia. Já na obra de Rodolfo Bernardelli percebemos que o corpo de Moema emergiu do fundo do mar, porém desfalecida.”

“A obra de Rodolfo Bernardelli, a escultura em bronze, representa melhor, onde retrata como no poema a morte de Moema, uma mulher indígena apaixonada por Diogo...”

“Tornando a aparecer desde o profundo,”

A pintura, mostra o momento em que o mar deixa o corpo e a margem da praia toma posse do corpo de Moema.”

“A escultura em bronze, de Rodolfo Bernardelli, é melhor retratada do que a pintura de Victor Meirelles, uma vez que se encaixa mais adequadamente aos parâmetros propostos pela obra Caramuru, de José de Santa Rita Durão.”

Encaminhada essa primeira leitura, onde os alunos detiveram-se com mais atenção sobre as obras de arte, na busca de possíveis relações entre essas e o texto literário de Durão, fizemos, para encerrar a prática leitora, mais um questionamento:

- Nesta atividade, após as reflexões finais sobre as leituras realizadas e, consciente do valor criativo de cada obra, você mudaria algum posicionamento anterior?

Para este questionamento obtivemos respostas que giram em torno das seguintes colocações:

“Sim, pois depois da observação atenta nas obras artísticas podemos estabelecer diferentes formas de interpretar o acontecimento. E depois desta leitura mudaria minha visão em relação à leitura de uma obra de arte.”

“Não. A criatividade de cada autor foi muito bem empregada em cada obra. O que podemos mudar é a nossa maneira de enxergarmos a obra, pois cada um possui uma interpretação sobre o que observa e vale lembrar que, notamos as coisas com a beleza e a compreensão que está dentro de nós mesmos.

“Sim, pois achamos que não havia diferença entre leitura de imagem e escrita, e que muitas vezes a leitura de uma imagem poderia ser até mais fácil, mas não. A leitura de uma imagem traz muitos detalhes, e pode retratar uma mesma história de maneiras diferentes.”

Ao finalizarmos esta atividade, concluímos a validade da prática leitora ao, pelas respostas, sentirmos que mobilizamos os alunos no sentido de levá-los, criticamente, a perceber as relações entre as duas obras de arte, apesar das diferenças de suporte e forma de composição entre ambas.

3.4 Ação 4 O texto fílmico na sala de aula

Retomando o tema do descobrimento, propusemos como estratégia, para esta prática, a leitura do texto fílmico, *Caramuru: A invenção do Brasil*, lançado em 2001, sob a direção de Guel Arraes, em comemoração aos 500 anos do Brasil. Inicialmente, havíamos planejado assistir ao filme no cinema local, mas, infelizmente, não foi possível, o que se constituiu em mais um dos entraves no processo de intervenção na escola.

No entanto, fizemos uso da sala de vídeo do colégio e, antes de assistirmos ao filme, lembramos aos alunos a necessidade de atenção para perceberem as possíveis relações de sentido, intertextuais com outros contextos por eles conhecidos. Encontramos, para esta prática leitora, apoio em Trevisan (1998), quando faz referência a que todo filme embasa-se em uma história, com

personagens e situações próximas do real, porém, sua qualidade artística deve ir além da credibilidade da história, centrando-se na linguagem, na forma como atinge o espectador, estabelecendo diferentes formas de comunicação intelectual, filosófica, psicológica e emocional.

Centrados, assistimos ao filme por, praticamente, três aulas seguidas. Após assisti-lo, foi promovida uma prática interativa para que os alunos pudessem colocar suas primeiras impressões sobre o texto.

O texto fílmico por sua natureza dialógica constitui-se em um importante recurso didático/pedagógico em sala de aula, pois remete a outros textos e assim, possivelmente, a diferentes contextos da experiência humana. Dessa forma:

O cinema é e sempre será um jogo de arte, humanismo e sedução [...] Uma obra de arte, através de uma linguagem particular, põe em questão as verdades sociais adquiridas, convidando o espectador a uma nova visão de mundo. (TREVISAN, 1998, p.97 e 98).

Nesta prática leitora, na perspectiva *interartes*, embora atuando como mediadores, entre criação artística e os alunos, buscamos não interferir na primeira leitura fílmica, para percebermos, pela fruição, as relações de sentido estabelecidas com suas leituras prévias, literárias ou não, ou seja, com seus conhecimentos de mundo. Ao término da sessão, houve um momento de interação oral entre os alunos para trocarem as primeiras impressões sobre o filme.

Na sequência foram feitos alguns questionamentos já direcionando para a avaliação da atividade leitora, dos quais selecionamos algumas respostas para representar os resultados obtidos. Assim, respondendo ao primeiro questionamento, “se já haviam assistido ao filme”, mais da metade dos alunos participantes nesta prática, manifestou-se dizendo que já havia assistido ao filme.

O próximo questionamento foi:

- Você gostou, ou não do filme? Justifique.

“Sim, pois é um filme engraçado e ao mesmo tempo retrata a história do descobrimento do Brasil”.
“Gostei muito do filme pois, além de ser de uma forma descontraída, aprimorei meus conhecimentos”.

“Sim gostei, uma vez que retrata de forma divertida e descontraída um fato histórico, “O descobrimento do Brasil”.

“Sim. Gostei porque retrata uma passagem histórica de forma cômica e fácil de interpretar. Achei engraçado e original”.

“Sim, porque é um dos filmes nacionais que prestam”.

“Sim, eu gostei do filme, uma vez que retrata o Descobrimento do Brasil de uma forma divertida e com fatos fictícios”.

Como resposta negativa, ao questionamento acima, houve apenas uma resposta nos seguintes termos: “Não, pois ilude o telespectador de como o Brasil foi colonizado”.

Continuando a atividade questionamos:

- Você consegue estabelecer relações do filme com outras realidades?

Justifique.

Selecionamos algumas das respostas representativas da atividade em:

“Sim, a maneira de vestir-se, a chegada das caravelas ao Brasil, as viagens mar adentro, ou seja, a realidade do descobrimento do Brasil, além das traições e da disputa pelo poder”.

“Sim. Uma das realidades que podem ser citadas é o preconceito com a mulher; a traição; e também a manipulação de pessoas sobre o dinheiro e a história”.

“Sim, pois as imagens que foram relatadas no filme têm relações com os fatos que a gente estava trabalhando nas aulas anteriores, o descobrimento do Brasil, com nova cultura, nova linguagem, etc.”.

“Sim, as navegações de Cabral, as traições, os indígenas canibais e a forma de falarem, tanto a dos indígenas, quanto a dos portugueses”.

“Sim. Consigo estabelecer relação com as diversas formas de obras de arte que estudamos em sala de aula como o livro Caramuru, a obra Moema e as imagens do descobrimento do Brasil”.

Agrupamos, na sequência, as respostas a outros dois questionamentos que consideramos relevantes nesta prática, envolvendo percepção e intertextualidades na leitura do texto fílmico em sala de aula:

- Você percebe o filme como um texto?
- De que forma devemos fazer a leitura de um filme?

“Sim, de certa forma o filme é a encenação do texto a diferença é que no filme, muitas vezes, é mais fácil de compreender a história”.

“De uma maneira bastante concentrada, tentando perceber detalhes e a intenção das cenas”.

“Sim, porque assistindo o filme você presta a atenção em cada detalhe e lê as palavras que saem da boca das personagens”.

“Olhando atentamente cada detalhe do filme, entendendo as situações e percebendo o interesse do autor em cada cena”.

“Sim, pois o filme é um texto interpretado por personagens dentro de um cenário”.

“Sempre prestando muita atenção, até nos mínimos detalhes, pois, muitas vezes, eles que fazem a diferença”.

“Sim, pois para entender, deve haver uma leitura aprofundada do filme”.

“Prestar atenção nos mínimos detalhes e procurar desvendar a mensagem implícita em cada cena”.

“Sim, percebo o filme como um texto em que estão presentes personagens e cenários reais”.

“Fazendo observações minuciosas para que possamos compreendê-lo e entender o que realmente se passa na história. Se não prestarmos muita atenção no início do filme, dificilmente conseguiremos entender o final”.

Ainda, nesta atividade, para avaliarmos a percepção dos elementos de composição do texto fílmico, enquanto criação artística, agrupamos as respostas aos seguintes questionamentos:

- Você consegue perceber os elementos de composição de um filme? Cite alguns.
- Quais as finalidades desses elementos?

“Sim, cenário, personagens, músicas”.

“Ajudar para que compreendamos melhor, para nosso melhor entendimento e também deixa o filme mais belo”.

“Sim. A trilha sonora, os personagens, o autor, o diretor, o cenário...”.

“Mostrar de forma completa os fatos propostos para que o leitor perceba a intenção e a realidade de que trata o filme além de estimular a imaginação”.

“Sim, o cenário, os personagens, a trilha sonora e etc.”.

“Mostrar ao telespectador que os elementos de composição de um filme, fazem com que haja uma ampla interpretação do que realmente o filme quer mostrar.”

“Sim, o cenário, o entrosamento de personagens, a trilha sonora, a ênfase nos detalhes, o impacto das cenas”.

“Fazer com que o telespectador, se prenda aos detalhes e principalmente na história; que ao assisti-lo estejam presentes a emoção e o suspense, o prazer e a imaginação”.

Para finalizar essa prática leitora, e entendendo o texto fílmico como um valioso recurso didático/pedagógico, como meio e estratégia de leitura, para aproximar os alunos do texto literário, objetivo maior deste trabalho de pesquisa, questionamos:

- Algum outro momento, em que foi utilizado um filme, como estratégia pedagógica, foi feito um trabalho reflexivo, quanto a esse recurso didático como produção artística?

“Não, muitas vezes não conseguimos entender e compreender a intenção do filme”.

“Não em todos, pois alguns filmes são somente assistidos e nenhum proveito é tirado, mas também há aqueles que são assistidos e se tira muita aprendizagem e conhecimento”.

“Sim, mas as perguntas se dirigiam mais às cenas do filme e não exigiam tantos conhecimentos quanto estas”.

“Sim, pois seus elementos se transformam em uma obra de arte”.

“Não. Geralmente assistimos ao filme sem dar o valor que a obra merece”.

“Não, pois geralmente assistimos sem dar importância ao conteúdo da obra”.

“Não, geralmente assistimos somente para passar o tempo e esfriar a cabeça”.

“Não, normalmente apenas assistimos ao filme e não fazemos nenhuma reflexão aprofundada, não dando o devido valor que a obra merece”.

“Não, normalmente as reflexões ficam vagas, apenas assistimos ao filme e não damos o devido valor a essa verdadeira produção artística”

Finalizamos essa prática, abordando o texto fílmico como recurso pedagógico, riquíssimo e estratégico, na tentativa de aproximar os alunos do texto literário, de forma lúdica, descontraída e constatamos, pelas respostas críticas, aos questionamentos feitos, a validade da proposta.

Reiteramos, aqui, que “o uso do cinema na sala de aula (incluindo os desenhos animados) não é uma atividade isolada em si mesma, podendo estimular outros tipos de aprendizado, de conteúdos, habilidades, e conceitos”. (NAPOLITANO, 2009, p. 22,23)

3.5 Ação 5 O texto literário na sala de aula

Nesta prática leitora diferente das anteriores, centradas na imagem, o enfoque foi no texto literário, porém não atrelado às práticas focadas na historiografia, ou nos rituais, convencionalmente, utilizados. Com o número de aulas cada vez mais reduzido, fugimos da ânsia de explorar todas as informações que o texto possa oferecer, pensando na formação dos nossos alunos, no Ensino Médio,

na preparação para concursos, como o vestibular, entre outros exigidos pelo mercado de trabalho.

Nesta atividade buscamos centrar nosso trabalho na aproximação do texto literário pela fruição, na tentativa de trabalhar a Literatura em sua função social e dimensão artística, percebendo o ato da leitura como propõem as Diretrizes Curriculares em:

Nestas Diretrizes, compreende-se a leitura como um ato dialógico, interlocutivo, que envolve demandas sociais, históricas, políticas, econômicas, pedagógicas e ideológicas de determinado momento. Ao ler, o indivíduo busca as suas experiências, os seus conhecimentos prévios, a sua formação familiar, religiosa, cultural, as várias vozes que o constituem. (PARANÁ, 2008, p. 56)

Neste sentido, buscamos para a abordagem teórico/prática da obra do Neoclassicismo brasileiro, *Caramuru: Poema Épico do Descobrimento da Bahia (1781)*, de José de Santa Rita Durão, o embasamento nas práticas anteriores, buscando as relações dialógicas entre estas e excertos do texto proposto para o estudo.

Retomamos, aqui, que este trabalho propõe-se a uma aproximação com o texto literário, pois, tratando-se de uma epopéia, fazer uma análise mais detalhada da obra literária demandaria em mais tempo e, para fundamentá-la, outras abordagens. Fazer a leitura integral do texto literário vai depender de como os alunos, leitores/receptores, atribuírem-lhe sentidos.

Levamos para a sala de aula a referida obra literária e iniciamos a abordagem partindo do título, do termo *épico*, referindo-se a epopéia que tem como característica *contar/cantar* grandes feitos, sobre fatos ou pessoas importantes. Neste contexto, focamos a intertextualidade, presente na intenção/proposição do texto de Santa Rita Durão, autor brasileiro, ao imitar Camões, autor do mais importante texto épico português, *Os Lusíadas*, (1572).

Neste enfoque, situamos, para os alunos, José de Santa Rita Durão, como autor do Neoclassicismo, considerado cronista do descobrimento, introdutor do indianismo no Brasil e um grande mestre da narrativa pela relevância de sua obra literária. Durão, assim como Camões, em Portugal, acreditava que os

acontecimentos do Brasil mereciam exaltação. Sua obra foi a primeira a abordar os habitantes nativos da terra, seus costumes e tradições, além de ser uma descrição riquíssima do solo, da flora e fauna brasileira.

Em sua epopeia, o autor conta/canta, em versos, a lenda de Diogo Álvares Correia, o *Caramuru*, desde o naufrágio na costa brasileira quando ao sobreviver fica prisioneiro de uma tribo de índios antropófagos, os Tupinambás. Na sequência, ele conquista a amizade e a admiração dos indígenas, ao atirar em uma ave com sua arma de fogo, desconhecida, até então, pelos nativos. A partir desse fato, a saga toma um novo rumo e Diogo passa a ser considerado quase uma divindade, venerado pelos indígenas. *Caramuru*, na versão de Santa Rita, significa *Filho do Trovão*.

Enfocamos que, ao imitar Camões, em *Os Lusíadas*, (1572), na exaltação dos feitos portugueses, José de Santa Rita Durão, em sua obra *Caramuru: Poema Épico do Descobrimento da Bahia* (1781) estabeleceu, pela intertextualidade, a relação entre os dois textos, o que, pelo dialogismo, constitui condição para a produção de sentidos. Colocamos que, pela importância e arte na descrição, a obra literária de Durão constitui-se em um dos cânones da literatura brasileira, contudo, por apresentar-se em forma de poema épico, exige do leitor maior atenção, reflexão na busca das relações que lhe atribuam significados. Chamamos a atenção dos alunos para o valor estético, artístico, literário dos dois textos pela representatividade de cada um em seus contextos de produção.

Para fundamentar essa prática procuramos demonstrar a analogia do diálogo intertextual existente entre os primeiros versos dos dois grandes poemas épicos, ambos compostos por dez cantos, com estrofes de oito versos, decassílabos, o que fica evidente, na proposição, na leitura da 1ª estrofe do canto I dos dois poemas:

Os Lusíadas

Canto I

As armas e os barões assinalados
Que, da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca dantes Navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

(CAMÕES, 1572)

Caramuru

Canto I

De um varão em mil casos agitado,
Que as praias percorrendo do Ocidente,
Descobriu o Recôncavo afamado
Da capital brasílica potente;
De filho do Trovão denominado,
Que o peito domar soube a fera gente;
O valor cantarei na adversa sorte,
Pois só conheço herói quem nela é forte

(DURÃO, 1781)

Na sequência, após a reflexão contextualizada dos primeiros cantos dos dois poemas épicos, buscando as relações internas entre os textos, em diferentes contextos, lembramos, aos alunos, que ler uma epopeia exige um leitor mais experiente, maduro, centrado, para ao entender o que ela propõe construir significados. Neste enfoque, retomamos a prática anterior, lembrando que na leitura do texto fílmico isto também acontece, ela também exige atenção, concentração para que possamos atribuir-lhe significados, o que ficou comprovado nas colocações dos próprios alunos.

Ao retomarmos o texto fílmico lembramos que a Literatura é arte, criação artística que possibilita relações dialógicas com outras artes como, comprovamos nas práticas anteriores, e isto também se constitui em uma das formas de nos aproximarmos do texto literário. Outro ponto reforçado nesta prática foi que essas novas abordagens são linguagens diferenciadas que devem ser percebidas em suas especificidades como propõem as DCE:

O trabalho com a Literatura potencializa uma prática diferenciada com o conteúdo estruturante da Língua Portuguesa, o Discurso como prática social, e constitui forte influxo capaz de fazer aprimorar o pensamento trazendo sabor ao saber. (PARANÁ, 2008, p. 77)

Observamos, ainda, que nessas novas abordagens de leitura, uma não substitui a outra, mas são releituras que podem ampliar-se entre si ao romper com códigos estabelecidos em busca do novo. Ao propormos a retomada do texto fílmico para próxima prática leitora convocamos os alunos a uma nova leitura, uma releitura em busca do que já citamos em Trevisan (1998), “[...] um jogo de arte, humanismo e sedução que, numa linguagem particular, convida o espectador à nova visão de mundo.”

Finalizando esta estratégia de leitura e contextualizando-a as anteriores percebemos pela interação dos alunos nas práticas propostas que pelo jogo lúdico, torna-se mais agradável a abordagem de textos literários.

3.6 Ação 6 Literatura e Cinema: o diálogo entre as artes

Nesta prática retomamos, com os alunos, a abordagem à leitura do texto fílmico de Guel Arraes, *Caramuru: A invenção do Brasil*, (2001), numa perspectiva interartes, percebendo-a como uma adaptação cinematográfica contemporânea do texto literário de José de Santa Rita Durão, *Caramuru: Poema Épico do Descobrimento da Bahia*, (1781). São leituras diferentes que ora se negam, ora se completam, mas que, pelas possibilidades de aproximação, enriquecem suas relações dialógicas, seus significados.

Iniciamos a prática leitora lembrando que já assistimos ao filme, porém sem o compromisso de percebê-lo enquanto linguagem, como um novo texto, uma abordagem diferenciada do mesmo tema.

Para dar mais subsídios às inferências, a uma visão mais crítica partimos do documentário interativo do filme, narrado por Marco Nanini. No documentário destacamos algumas, entre as possibilidades de aproximação dos dois textos artísticos, filme e obra literária, ou sejam:

- A viagem para a Índia, causa do descobrimento do Brasil. (2min57s)
- A importância dos mapas, além dos astros (astrolábio), na época como um dos mais avançados meios de localização geográfica, comparando-os aos satélites, na atualidade. (1min)
- O destaque às caravelas como o mais desenvolvido meio de transporte marítimo comparando-as, hoje, aos transatlânticos proporcionando aos navegadores aventurarem-se em longas viagens, na época dos descobrimentos. (04min90s)
- Apresentação de Diogo Álvares (Caramuru) e Paraguaçu, os dois principais personagens do texto fílmico. (02min19s)

Chamamos a atenção para a riqueza das intertextualidades referindo-se a fatos relativos à história do Brasil, em vários contextos temporais, estabelecendo relações entre o momento histórico e a contemporaneidade, na montagem do filme. Outro ponto a ser percebido são as relações deste com a obra literária de Santa Rita Durão.

Lembramos que podemos considerar o texto fílmico uma comédia histórica, por sua representação, estabelecendo relações dialógicas com a narrativa do poema

épico de Santa Rita. Este, por sua vez, gira em torno do descobrimento da Bahia, na metade do século XVI, por Diogo Álvares Correia, português da região de Viana do Castelo, enfocando em vários episódios da história do Brasil o rito, as tradições dos povos indígenas que aqui habitavam, e algumas referências à política das colônias.

Foram muitas as inferências dialógicas estabelecidas, e demonstradas aos alunos em sala de aula, entre a obra literária de Durão e a obra fílmica de Arraes, material a ser consultado no Portal Dia a Dia, na Unidade Didática referente à fundamentação e desenvolvimento da pesquisa: *Literatura e Cinema: um diálogo possível*, no Programa de Desenvolvimento da Educação, 2009/2010, da SEED-PR.

Limitamo-nos a demonstrar, nesta ação, a forma de abordagem centrada em algumas das inferências estabelecidas entre a obra literária, referenciando os cantos, versos e páginas; e em relação ao filme, o momento da exibição da cena, para não nos alongarmos numa exposição onde corremos o risco de tornar nossa narrativa repetitiva e enfadonha, nesse trabalho de análise da prática proposta e dos resultados obtidos. Iniciamos pela constatação, histórica, do fato de que o Brasil, antes de ser descoberto, era habitado por povos nativos, indígenas. Fato também evidenciado por Santa Rita no início de seu poema épico, entre outras citações ao longo da narrativa, onde ao descrever os bárbaros, refere-se à antropofagia, à rudez, relata costumes, rituais, não cristãos, praticados pelos silvícolas no Canto I, estrofes IV e V:

Nele vereis nações desconhecidas,
Que em meio dos sertões a fé não doma;
E que puderam ser-vos convertidas
Maior império que houve em Grécia ou Roma:
Gentes vereis e terras escondidas,
Onde, se um raio da verdade assoma,
Amansando-as, tereis uma turba imensa
Outro reino maior que a Europa extensa.

Devora-se a infeliz, mísera gente,
E sempre reduzida a menos terra,
Virá toda extinguir-se infelizmente,
Sendo, em campo menor, maior a guerra.
Olhai, Senhor, com reflexão clemente
Para tantos mortais que a brenha encerra,
E que, livrando desse abismo fundo,
Vireis a ser monarca de outro mundo.

(DURÃO, 2003, p.18)

Consideramos importante destacar, para os alunos, a relação intertextual, nos textos em análise, entre a descrição literária, do trágico naufrágio da nau portuguesa em que navegava Diogo Álvares Correia, Canto I, nas estrofes abaixo, e a cena, no filme, visualizada aos 24min50s, parodiada de forma hilária e muito bem representada, artisticamente, pelos recursos sonoros e de cor.

XI

O Filho do Trovão, que em baixel ia
Por passadas tormentas, ruinoso,
Vê que do grosso mar na travessia
Se sorve o lenho pelo pego undoso;
Bem que , constante a morte não temia,
Invoca no perigo o Céu piedoso,
Ao ver que a fúria horrível da procela
Rompe a nau, quebra o leme e arranca a vela.

XII

Lança-se ao fundo o ignívomo instrumento,
Todo o peso se alija; o passageiro,
Para nadar no tímido elemento,
A tábua abraça, que encontrou primeiro:
Quem se arroja no mar temendo o vento,
Qual se afia a um batel, quem a um madeiro,
Até que sobre a penha, que o embaraça,
A quilha bate e a nau se despedaça.

(DURÃO, 2003, p.20)

O episódio que dá origem ao nome *Caramuru* “filho do trovão” está presente nos dois textos, no literário e no fílmico, em diferentes contextos.

Parodiado por Guel Arraes no filme aos 42min, mas, também, como na obra literária, é a partir dele que surge a submissão dos indígenas a Diogo Álvares Correia, principal personagem, na epopeia de José de Santa Rita Durão. O personagem passa de destinado à morte antropofágica, por saber manusear uma espingarda, a ser tratado, pelos nativos, com respeito digno de um herói, nas descrições do Canto II das seguintes estrofes:

II

Parecia-lhe ver da gente insana
O bárbaro furor, a fome crua,

A agonia dos seus na ação tirana,
E temendo a dos mais, presume a sua:
Quisera opor-se à empresa desumana,
Pensa em arbítrios mil com que conclua:
Se fugirá? Mas onde? Se os invada?
Porém, enfermo e só, não vale nada.

(DURÃO, 2003, p.43)

XLIV

Estando a turba longe de cuidá-lo,
Fica o bárbaro ao golpe estremecido
E cai por terra no tremendo abalo
Da chama, do fracasso e do estampido:
Qual do hórrido trovão com raio e estalo
Algum junto a quem cai fica aturdido,
Tal Gupeva ficou, crendo formada
No arcabuz de Diogo uma trovoad.

XLV

Toda em terra prostrada exclama e grita
A turba rude em mísero desmaio,
E faz o horror que estúpida repita
“Tupá, Caramuru”, temendo um raio.
Pretendem ter por Deus, quando o permita,
O que estão vendo em pavoroso ensaio,
Entre horríveis trovões do márcio jogo,
Vomitar chamas e abrasar com fogo.

XLVI

Desde esse dia, é fama que por nome
Do grão Caramuru foi celebrado
O forte Diogo; e que escutado dome
Este apelido o bárbaro espantado:
Indicava o Brasil no sobrenome,
Que era um dragão dos mares vomitado;
Nem doutra arte entre nós a antiga idade,
Tem Jove, Apolo e Marte por deidade.

(DURÃO, 2003, p.54 e 55)

Na obra literária, Paraguaçu, filha do chefe Itaparica, é destacada pelo autor, em vários momentos. Primeiro, em sua apresentação, deixando transparecer, pela delicadeza da descrição, a docilidade, submissão e ao mesmo tempo encantamento, sedução, no Canto II, estrofes:

LXXVIII

Paraguaçu gentil (tal nome teve),
Bem diversa de gente tão nojosa,

De cor tão alva como a branca neve,
E donde é neve, era de rosa:
O nariz natural, boca mui breve,
Olhos de bela luz, testa espaçosa,
De algodão tudo o mais, com manto espesso,
Quanto honesta encobriu, fez ver-lhe o preço.

LXXIX

Um principal das terras do contorno
A bela americana tem por filha;
Nobre sem fasto, amável sem adorno,
Sem gala encanta e sem concerto brilha:
Servia aos carijós que tinha em torno,
Mais que de amor, de objeto a maravilha;
De um desdém tão gentil, que quem a olhava,
Se mirava imodesto, horror causava.

(DURÃO, 2003, P.64)

Na sequência do texto épico, ainda no Canto II, temos outra importante descrição, das juras de amor, em versos belíssimos, que selam a união do primeiro casal, depois que o Brasil foi descoberto.

Dessa união, tem início pela miscigenação dos costumes, inclusive religiosos, das raças, nativa e lusitana, a origem do povo, tipicamente brasileiro, nas seguintes estrofes:

LXXXIX

E esta fé (diz-lhe), esposa em Deus querida,
Guardar-te hoje prometo em laço eterno,
Até banhar-se n'água prometida,
Por cândida afeição de amor fraterno:
Amor que sobreviva à própria vida,
Amor que preso em laço sempiterno,
Arda depois da morte em maior chama,
Que assim trata de amor quem por Deus ama.

XC

Esposo (a bela diz), teu nome ignoro;
Mas não teu coração, que no meu peito
Desde o momento em que te vi, que o adoro:
Não sei se era amor já, se era respeito;
Mas sei do que então vi, do que hoje exploro,
Que de dous corações um só foi feito.
Quero o batismo teu, quero a tua igreja,
Meu povo seja o teu, teu Deus meu seja.

XCI
Ter-me-ás, caro, ter-me-ás sempre a teu lado;
Vigia tua, se te ocupa o sono;
Armada sairei, vendo-te armado;
Tão fiel nas prisões como num trono:
Outrem não temas, que me seja amado;
Tu só serás, Senhor, tu só meu dono;
Tanto lhe diz Diogo, e ambos juraram;
E em fé de juramento, as mãos tocaram.

(DURÃO, 2003, p.67)

A descrição, na obra literária de Durão, do ritual que sela, respeitosamente, a união dos dois personagens no filme, de Arraes, é parodiada em momentos lúdicos destacados pelo embate, do casal, entre valores culturais, morais, religiosos e sociais, em relação ao casamento, bigamia ou triângulo amoroso.

Neste contexto, optamos por destacar para os alunos as seguintes cenas: Diogo em sua dupla relação com Moema e Paraguaçu, no Brasil, aos 38min15s; Diogo em seu relacionamento com Paraguaçu e Isabelle, na França, à 1h10min do filme e, finalmente, à 1h14min a cena que confirma a união entre Diogo e Paraguaçu, graças à esperteza da índia que, no filme, já politizada, engana Isabelle e passa a ter o amor de Diogo. Na continuidade da análise, Santa Rita Durão ressalta com maestria, em vários momentos, no texto épico, a exuberância da paisagem, da flora e da fauna num verdadeiro poema de exaltação à nação brasileira.

Finalizando, nesta prática de leitura, a exposição, pelos excertos, desta pequena parte da epopeia em que Santa Rita Durão exalta o Brasil, retomamos, com os alunos, o valor do texto literário pela linguagem, mas, principalmente, como produção artística. Neste sentido, percebemos a importância de contextualizar, para que entendam que todo o texto, ao ser analisado tem que levar em conta, além da recepção, sua esfera de produção.

No filme, de Guel Arraes, a beleza dos versos, acima citados, está explícita na criação da linguagem fílmica das cenas, em imagens que referenciam, artisticamente, a obra literária de José de Santa Rita Durão, proporcionando aos espectadores outras formas de leitura. Enfatizamos, nesta prática, que ao trabalhar com fragmentos, aproximamos os alunos de produções artísticas em linguagens diferentes, numa proposta de leitura que acreditamos ser produtiva no ensino de

leitura de textos artísticos. Ao abordamos um texto literário por meio de outras linguagens, a exemplo desta, estabelecendo relações com o texto fílmico, entre as outras práticas de leitura realizadas, devemos enfatizar, sempre, que estamos fazendo releituras que poderão levar a diferentes interpretações.

Neste contexto, é importante focar o cinema enquanto linguagem diferenciada como encontramos em *“Compreender o Cinema”*:

O cinema é uma linguagem com suas regras e convenções. É uma linguagem que tem parentesco com a literatura, possuindo em comum o uso da palavra das personagens e a finalidade de contar histórias.(COSTA, 1989, p.27)

Para finalizar a prática relativa à última estratégia de ação proposta para aplicação desta Unidade Didática, que tem como principal objetivo aproximar os alunos do texto literário, pela interação com criações artísticas em outras linguagens, sugerimos, para a avaliação das práticas leitoras realizadas em sala de aula, a seguinte questão:

- O trabalho com a leitura de criações artísticas em diferentes linguagens contribuiu, de alguma forma, para que você, a partir das atividades realizadas, tenha um olhar diferenciado para o texto literário, percebendo-o, também, como uma produção artística? Justifique.

Destacamos algumas respostas por considerá-las relevantes ao propósito do estudo realizado como segue:

“Sim, pois quando aprendemos ou revisamos algo, tudo fica mais fácil, e de certa forma servirá como exemplo para analisarmos e interpretarmos outras obras literárias, além de aprender a admirar os textos literários”.

“Sim, com certeza contribuiu e muito para que tivéssemos uma visão diferenciada de obras literárias. No início era muito mais complicado entender as obras literárias”.

“Sim. Porque depois de analisarmos de diferentes formas, podemos apreciar artisticamente as diferentes formas de leitura”.

“Sim, as atividades contribuíram e ajudaram muito, aumentaram meu conhecimento sobre o que já sabia. É importante também lembrar que esquecemos certas coisas ou informações com o passar do tempo, por isso com as atividades realizadas obtive oportunidade de lembrar e acrescentar informações. Sempre devemos tentar conhecer e aprender coisas novas, informações e conhecimento, nunca é demais, é sempre

importante. As aulas foram bem aproveitadas, aprendi a assistir aos filmes e interpretá-los diferente, observando as características e os detalhes”.

“Sim, pois com as leituras de criações artísticas e diferentes linguagens passamos a ter mais interesse à leitura e buscar mais além das obras literárias, para tornar mais claro o nosso conhecimento”.

“Sim, com as atividades realizadas eu acredito que evolui bastante com relação a textos literários, me tornando mais crítico ...”

“Sim, acho que dá pra ter vários olhares, depois desse trabalho vou começar a perceber, diferenciar um texto literário como uma produção artística. Antes eu lia um texto só por ler sem perceber que pode ter várias interpretações, comparando com outros fatos”.

“Sim, pois o filme ajuda a entender melhor as partes principais do texto, que são retratadas também no filme”.

“Sim e se formos analisar o texto literário é um método muito bom de aprendizagem e ao mesmo tempo complicado, complexo, alguns artistas fazem uma releitura de fatos reais. Com a obra e o texto fílmico podemos entender melhor a obra literária e também interpretá-la melhor”.

“Sim, podemos perceber que não se faz apenas leituras de livros e textos, mas também de imagens e filmes. Pudemos estabelecer relações entre as imagens, as obras literárias e o filme. Concluindo, creio que este tipo de trabalho desenvolve-nos no sentido de que olhemos para as obras, sejam elas de diversos tipos, com mais facilidade, não temendo sua compreensão”.

Finalizamos esta prática e as estratégias de leitura que fundamentaram as *Práticas leitoras no Ensino Médio: (re) vendo o texto literário*, com as colocações acima, resultantes do trabalho realizado com uma turma de 26 alunos, do 2º Ano do Ensino Médio, período matutino do Colégio Estadual São Vicente de Paulo em Irati-PR.

Respaldados pelas colocações dos próprios alunos avaliamos como um trabalho positivo, mas que tem como principal exigência, um tempo maior para a abordagem do texto literário sob esse enfoque.

4. PALAVRAS FINAIS

O artigo *Práticas Leitoras no Ensino Médio: (re)vendo o texto literário* teve como objetivo, por meio de experiências de leitura, pela intertextualidade numa perspectiva interartes, buscar algumas das possibilidades de aproximação dialógica entre o texto literário e outras linguagens. Entre as diferentes linguagens abordadas, destacamos, neste trabalho, o texto fílmico.

A intenção da proposta em relação ensino/aprendizagem de literatura sinalizou para a busca de caminhos e de práticas leitoras que, aliadas intertextualmente a interartes, constituíram-se em recursos didático/pedagógicos na tentativa de aproximar os alunos, de forma lúdica e prazerosa, da obra literária da qual, por vários motivos, andam afastados. Pelos resultados obtidos, por meio da interação dos participantes em cada uma das ações propostas, concluímos que o desenvolvimento desse trabalho de análise, centrado em diferentes práticas leitoras, teve um respaldo positivo.

Tomando como referência as colocações feitas pelos próprios alunos torna-se evidente, para nós, educadores, que quando buscamos caminhos alternativos, diferenciados no trabalho com a Língua/Literatura, obtemos melhores resultados no processo de ensino/aprendizagem. No entanto, desenvolver esse trabalho e para que possamos, realmente, alcançar os resultados esperados necessitamos de mais tempo de dedicação à pesquisa, como apoio e fundamentação à nossa prática.

É inegável, também, que necessitamos de mais tempo para o desenvolvimento de atividades diferenciadas em sala de aula. Por mais singulares que sejam, demandam em tempo tanto para prepará-las, quanto para aplicá-las. Constatamos o que estamos afirmando, em nosso dia-a-dia, mas, principalmente, durante o período destinado à fundamentação e desenvolvimento desse trabalho de pesquisa.

Tivemos esse tempo agora no PDE, e nos sentimos, como uma bateria, reabastecidos, realimentados de fontes seguras para sustentar o nosso trabalho. Foi válido, realmente, necessitamos de políticas públicas, de estímulo, de formação continuada que deem conta das nossas carências.

Nesse sentido, alertamos para que a disponibilidade de carga horária, em nossas escolas públicas, destinada ao ensino/aprendizagem de Língua/Literatura, cada vez mais reduzida, tem tornado o trabalho com a linguagem angustiante. São muitas as necessidades a serem supridas para chegarmos à proficiência em nosso trabalho, são muitos os recursos que temos, a nosso dispor, para caminharmos em direção à proficiência, porém, temos que ter meios de buscá-los e colocá-los em prática.

Comprovamos pelos resultados obtidos, nesse processo de pesquisa e aprendizagem, que à medida que nos propomos a inovar o nosso aluno, estimulado, corresponde melhor. Por outro lado, comprovamos, também, que inovar demanda

disponibilidade de tempo e este, diante das tantas exigências diárias, torna-se cada vez mais exíguo.

Os alunos, nesta proposta, foram avaliados pela interação, participação, oral, escrita, crítica e criativa, em relação às práticas de leitura realizadas. No entanto, salientamos que a intenção, final, deste trabalho foi possibilitar um olhar diferenciado para o texto literário, usando como meio o texto fílmico, além das outras formas de leitura praticadas.

Conforme o explicitado, tivemos neste trabalho o propósito de minimizar as dificuldades encontradas em sala de aula, no trabalho com a Literatura e, sinalizar para experiências de leitura, fundamentadas, em recursos contemporâneos de estudos da linguagem, além da teoria para o ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa/Literatura, proposta nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica (Paraná, 2008).

Cabe a cada educador aprofundar, buscar novas experiências no uso do cinema como uma importante ferramenta didática, adequando-a as situações de construção do conhecimento não só literário, mas em outras áreas, ampliando, pelas práticas realizadas, as possibilidades de leitura. Dessa forma, acreditamos poder contribuir para a melhoria da qualidade da educação e para a formação de leitores competentes, com maior senso crítico, sujeitos do mundo contemporâneo.

Ficamos, ao final desta etapa de trabalho, com a sensação de missão, dever cumprido, aliviados, porque percebemos que tendo condições de desenvolver um trabalho diferenciado, obtemos melhores resultados. Isto nos dá um grande alento, uma enorme vontade de continuar buscando caminhos para que, com nossos alunos, possamos nos aproximar, não só dos textos literários, objeto deste estudo, mas de uma educação de qualidade, tão almejada por todos nós, educadores, governos, sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzevetan Todorov. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CAMÕES, L. In: VIEGAS, A. (Org.). **Os Lusíadas**. 6 ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1951.

CEREJA, W. R. **Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com a literatura**. São Paulo: Atual, 2005.

CLÜVER, C. Sociedade - **Estudos interartes: conceitos, termos, objetivos: In Revista Literatura e Sociedade – Revista de teoria literária e literatura comparada**. São Paulo: FFLCH. nº 2, p.37-55, 1997.

COSTA, A. **Compreender o Cinema**. São Paulo: Globo, 1989.

DURÃO, S. R. **CARAMURU: Poema Épico do Descobrimento da Bahia**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

FARACO, C. A. **Linguagem e Diálogo: as idéias lingüísticas do Circulo Bakhtin**. Curitiba: Criar, 2003.

_____.Área de Linguagem: algumas contribuições para sua organização. In: KUENZER, Acácia. (org.) Ensino Médio – **Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. 3ª ed. São Paulo: Cortez. 2002.

FLÔRES, O. C. (Org.) **Ensino de Língua e Literatura: alternativas metodológicas**. 1ª ed. Canoas: Ed. Ulbra, 2001.

GUÉL, A. **Caramuru: A Invenção do Brasil**. Globo Filmes, 2001.

MELLO E SOUZA, A. C. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. 4ª Ed., São Paulo: Contexto, 2009.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Língua Portuguesa.** Secretaria de Estado da Educação do Paraná. 2008.

PEREIRA, K. H. **Como usar as artes visuais na sala de aula.** 1ª Ed., São Paulo: Contexto, 2008.

TREVIZAN, Z. **As Malhas do Texto: escola, literatura, cinema.** São Paulo: Cliper, 1998.

REFERÊNCIAS NA INTERNET:

http://sonora.terra.com.br/#/cd/37111/que_pais_e_este <acesso em 25/03/2010>

<http://www.forumnumismatica.com/viewtopic.phpf=54&t=26605ep.bloghttp://1.bspot.com/MzblgS4JWdw/Sul1KjTHISI/AAAAAAAAAABU/pkJ7pXTVAQY/s1600-h/Image.jpg>
< acesso em 25/03/2010>

<http://www.manolosaez.com.br/site.php?mod=ct&obra=49&artista=25> <acesso em 25/03/2010>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Vitor_meirelles_-_moema02.jpg < acesso em 20/04/2010>

<http://blogs.myspace.com/index.cfm?fuseaction=blog.viewcustom&friendId=105209747&blogId=424577107&swapped=true> < acesso em 06/05/2010>